

## **A transitividade negativa. Uma análise da relação escritor-leitor a partir da acepção de Jean-Paul Sartre**

### **The negative transitivity. An analysis of the writer-reader from the approach of Jean-Paul Sartre**

Thiago Teixeira Santos \*

Levando em consideração a proposta do evento – Semana Filosófica, realizada em maio de 2012 na PUC MINAS, qual seja, o olhar filosófico a respeito da arte, essa comunicação versa sobre o universo literário a partir da perspectiva de Jean-Paul Sartre. O trabalho trata de analisar o conceito de liberdade no escopo do pensamento sartriano para saltar à literatura e compreender como aquela condição fundamental do homem desemboca numa relação transitiva, que por sua vez é negativa. Tal negatividade se efetiva na interface e na constituição de sentidos num fluxo e que tem por fundamento a consciência dos sujeitos ali postos um em face do outro através da literatura.

A liberdade é o ponto de partida dessa investigação. A rigor, o homem livre, ao contrário do que afirma o senso comum, não é aquele que obtém o que sempre quis, mas aquele que determina a si mesmo o seu querer e esta delimitação está diretamente ligada à escolha e a responsabilidade desta. O princípio básico para nos considerarmos livres está legitimado em nossas escolhas e atos. Escolher para Sartre implica uma ação e não se pode distinguir escolher de fazer, logo o homem em todas as suas escolhas age e realiza algo, afirmando a liberdade que é.

Escrever é uma escolha, e toda escolha se firma num projeto fundamental constitutivo da essência humana. A consciência humana é “desvendante”, nestes termos, através dela há o ser. Doutro modo: “o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam” (SARTRE, 1993.p.33). Ao homem, isto é à consciência é dada a incumbência de desvendar os seres, atribuir-lhes sentidos, reorganizá-los nos limites da efetividade, contudo o homem não é o produtor dos mesmos. A produção artística segundo o autor possui uma relação

---

\*Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

direta com esta falta, ocasionada por dois aspectos do homem em face da efetividade, isto é, por um lado seu caráter desvendante, noutra sua condição inessencial ante ao mundo posto. A filosofia existencialista faz com que o homem assuma aquilo que é, isto é, ser dono de sua existência. Dizer que se é responsável pela sua existência não encerra a responsabilidade no âmbito da individualidade, pois há uma preocupação com todos os homens. Se a existência precede a essência, a imagem configurando o que é o homem vale para sua época inteira. Ao escolher o homem atribui o valor ao seu engajamento e ele nunca será mal, pois “o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos.” (SARTRE, 2010.p.27).

Escrever é um processo que ocorre sob duas vias, que precisa necessariamente de duas liberdades incompletas e por fazer-se. Criar é um momento de incompletude abstrato, isto é, só o escritor poderia se perder em meio às folhas escritas, os signos, contudo, a obra enquanto objeto jamais se manifestaria. Todavia escrever é uma arte dialética, ela implica a leitura e necessariamente precisa dos dois agentes. A rigor, “só existe arte por e para outrem” (SARTRE, 1993.p.37). A leitura é em sentido fundamental a síntese entre a criação e a percepção, neste projeto dialético. Ela legitima a essencialidade do sujeito e do objeto. Os sujeitos são imprescindíveis neste movimento, pois um é o criador do objeto e o outro, consciência desveladora do objeto enquanto tal.

A literatura é, portanto, uma realização incompleta, dialética e dependente da existência dos sujeitos inseridos no processo, configurando o apelo à liberdade do leitor. Ao desvelar o mundo o escritor chama a liberdade de seu leitor à transformação. Na relação transitiva, o leitor é convidado a participar como coautor, ou melhor, como produtor de sentido da obra e ao escritor atribui-se a responsabilidade fundamental em relação a sua criação, pois ali está a principio o apelo que ser observado. Ademais, a negatividade está na complementação de horizontes e sentidos que se fundamentam na falta.

**Palavras Chave:** Liberdade, transitividade, consciência e negatividade.

## Referências

SARTRE, Jean Paul. **Que é a Literatura?**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993

PERDIGÃO, Paulo. **Existência & Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L & PM, 1995.

SOUZA, Thana Mara de. **Sartre e a Literatura Engajada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2010

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.